

## RESENHA

KUPFER, M.C.; PINTO, Fernanda S. C. Noya. (Orgs.). **Lugar de Vida, vinte anos depois**: Exercícios de educação terapêutica. São Paulo: Escuta, 2010.

## Lugar de Vida: pensando a educação como terapêutica

Marcele Homrich Ravasio\*

A Escola Terapêutica Lugar de Vida foi estruturada a partir da experiência da Escola Experimental de Boinneuil (França), fundada por Maud Mannoni. O Lugar de Vida teve suas primeiras instalações na Universidade de São Paulo, desde 1991, hoje instalado no Butantã segue suas atividades ainda contribuindo com a USP. O Lugar de Vida iniciou suas atividades como um serviço do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (PSA-IPUSP), dirigido por Maria Cristina M. Kupfer, docente daquele departamento, por Lina G. Martins de Oliveira e por Marize Lucila Guglielmetti.

O Lugar de Vida oferecia inicialmente atendimento terapêutico e educacional a crianças psicóticas e autistas, e acolhia, prioritariamente, as demandas de famílias com poucos recursos financeiros. Durante 18 anos permaneceu no Instituto de

Psicologia da USP, sendo hoje um núcleo clínico-educacional baseado na concepção de Educação Terapêutica, sendo esta uma perspectiva interdisciplinar entre psicanálise e educação. A escola terapêutica Lugar de Vida serve de referência para formação de pesquisadores, profissionais e estudantes das áreas da saúde mental e da educação.

Considerada de particular importância está a pesquisa "Leitura da constituição e da psicopatologia do laço social por meio de indicadores clínicos: uma abordagem multidisciplinar atravessada pela psicanálise", sendo base para muitos dos textos assinalados na publicação aqui apresentada. *Lugar de Vida, vinte anos depois* reúne ensaios dos profissionais envolvidos no trabalho lá proposto, sendo que os textos são apresentados em quatro eixos: casos clínicos, dispositivos clínicos, textos históricos e educação terapêutica.

O primeiro eixo, nomeado *casos clínicos*, é o espaço onde os



profissionais deparam-se com a resistência frente à escrita presente em todas as equipes. Exatamente como fruto desta problematização se apresenta casos clínicos. Em *Os efeitos de uma intervenção precoce: O (re)nascimento do Outro*, Lina Oliveira relata o atendimento institucional realizado com uma criança e seus pais, tomando como base a perspectiva da Educação Terapêutica.

*Corpo e Linguagem na operação de surgimento de um sujeito: um caso elaborado a partir da AP3* é um caso resultante da aplicação do instrumento construído, para uso da Pesquisa Multicêntrica de indicadores clínicos de risco, ao desenvolvimento infantil (pesquisa IRDI). No texto *Querelle de Brest: posição discursiva e posição subjetiva* os autores propõem uma analogia do caso clínico de Nino partindo do romance de Jean Genet publicado em 1947. Nino e Querelle compartilham a mesma posição subjetiva e, assim, a análise vai sendo proposta.

Em *O menino fantoche-pato*, Monica Nezan propõe a discussão a partir das relações de objeto, especificamente a relação mãe-criança. Camille Gavioli discorre seu caso clínico em *Algumas articulações psicanalíticas acerca do tratamento e da escolarização de uma criança psicótica*. No ensaio, *De menina a Clementina*, a autora aborda o caso de uma criança e sua assunção ao nome próprio.

O segundo eixo, *dispositivos clínicos*, inicia com a discussão intitulada *O que uma criança pode fazer por outra? Sobre grupos terapêuticos com crianças*. O texto propõe desdobramentos sobre a

importância de grupos terapêuticos para crianças, sendo que neles se podem provocar efeitos nas mesmas, supondo que elas possam servir de meios terapêuticos umas para as outras. Ana Beatriz Lerner apresenta algumas proposições sobre a escrita e sua função terapêutica, no texto nomeado *A escrita e a psicose na criança: uma proposta de tratamento*. Também propondo reflexões acerca da psicose infantil, o texto *O tratamento institucional do Outro na psicose infantil* traz o foco para um Outro absoluto, sem castração, que envolve a psicose.

A partir do ateliê de cozinha e sua função, Lajonquière propõe reflexões em *De cozinheiro e de louco todo mundo tem um pouco*. Marise Bastos e Cristina Kupfer, abordando a importância da escuta analítica de professores e a possibilidade da confrontação para produzir giros discursivos, apresentam o texto *A escuta de professores no trabalho de inclusão escolar de crianças psicóticas e autistas*. Em *Considerações sobre o atendimento de crianças psicóticas na clínica de linguagem*, levantam-se questões sobre a pertinência do encaminhamento de crianças psicóticas para clínica fonoaudiológica. Marize L. Guglielmetti, em seu texto, discorre sobre *A função e o lugar da referência: um estilo de articular o tratamento institucional à psicanálise*.

Para finalizar o eixo, Rogério Lerner apresenta *Considerações acerca das bases psicanalíticas do Lugar de Vida*. O texto seguinte tece proposições sobre a importância da narração de histórias infantis na

constituição subjetiva, no texto intitulado *Contar histórias no Lugar de Vida: carne de língua*. No último texto, o ateliê de cozinha volta ao foco, na discussão intitulada *O ateliê de cozinha como dispositivo terapêutico*.

O eixo nomeado *textos históricos* inicia com a discussão acerca da transferência no trabalho com pais, assim como situa o lugar dos pais no tratamento dos filhos dentro da instituição. No texto, *Do corpo ao desejo: um olhar sobre o sujeito*, retoma-se o lugar dos pais no tratamento de crianças autistas e psicóticas, apontando alguns dispositivos institucionais, assim como elementos da constituição subjetiva.

Em *Da estereotipia ao significante: movimentos a partir de um tratamento em instituição*, Flávia Vasconcellos propõe reflexões acerca de alguns conceitos teóricos que a clínica das psicoses e autismo infantis impõe. Para finalizar o eixo, a discussão aborda o *Grupo Ponte: uma ponte entre o tratamento e a escola*, apresenta bases teóricas, assim como problematizações a partir de casos trabalhados na instituição.

No último eixo, *educação terapêutica*, Cristina Kupfer apresenta pressupostos para compreensão da educação terapêutica. A autora retoma elementos históricos das idéias centrais que norteiam as

articulações entre psicanálise e educação. A autora complementa afirmando que as práticas educativas que tem como base a noção psicanalítica de sujeito do inconsciente, voltando-se particularmente para o tratamento do sujeito psicótico e autista, são chamadas de educação terapêutica.

“*Todas as crianças devem ser incluídas na escola regular*”, essa é a frase de ordem política, que orienta a ação das secretarias de educação dos municípios. O decreto é de que todas as escolas devem receber crianças com todos os tipos de dificuldades; essa é a bandeira dos órgãos oficiais, onde as leis são ditadas como elemento burocratizado, sem levar em consideração os desdobramentos de tais lógicas.

A experiência dos profissionais da Escola Terapêutica Lugar de Vida é de suma importância, pois possibilita reflexões acerca da necessidade de discussões e outros espaços institucionais que acolham crianças que estão a caminho da possibilidade de inclusão. Tal publicação, para além de oferecer receitas, propõe pensar os sujeitos e espaços envolvidos na educação, assim como ampliar a compreensão de educação como forma possível de terapêutica. Aqui há de se pensar sobre o desejo e implicação dos profissionais e instituições envolvidas em tal tarefa.



\* **MARCELE HOMRICH RAVASIO** é Psicóloga/Psicanalista. Mestre em Educação pela Unisinos. Doutoranda em Educação pela UFRGS na linha de pesquisa Psicanálise e Educação. Membro da Associação Espaço Psicanalítico - AEP/Ijuí.